

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA AGRICULTURA.

(Continuado do n.º 4.)

DEPOIS do terrivel desastre de Alcacer-quebir, e do reinado melancolico do velho Cardeal, o reino de Portugal foi entregue nas mãos dos principes de Hespanha, sem que, para a isso se oppôr, valessem os esforços do Prior do Crato. A fraqueza era geral, o letargo mais profundo tolhia todos os membros da nação, o sentimento de uma nobre nacionalidade tinha sido transformado n'uma sêde brutal de riquezas, não havia nenhum meio de resistir á fatalidade que arrastava este paiz á sua ruina total: mãos cubiçosas o esperavam para lhe arrancarem uma a uma as preciosidades que o cobriam, e o deixarem depois pobre, nú, e para sempre cheio de vergonha.

Ainda que a Hespanha desejasse instruir-nos não lhe seria isso facil, porque tambem se achava em grande atrazo no que diz respeito ás praticas e conhecimentos agricolas: é verdade que possuia um livro sobre a sciencia, publicado em 1569 por Herrera, porém esse livro não exprimia o progresso do povo hespanhol em agricultura; mas os conhecimentos que um individuo possuia dos auctores latinos. O empenho pois do governo de Madrid era outro muito diverso: vêr Portugal abatido, sem força para lutar, sem actividade para se enriquecer, sem instrucção para se governar, era o que mais o interessava. Se alguma vez nos mandava, como por esmola, um lei que nos podia ser util, dava-se logo pressa em tirar ás auctoridades os meios de a executar, para que tudo não passasse de mera fantasmagoria.

Os males causados por um máu governo, que dirigia os negocios deste reino, como de terra conquistada, foram ainda acrescentados com a mingua da população, produzida pela emigração de grande numero de portuguezes para Flandres, onde iam militar, para alcançarem uma morte gloriosa em vez da ignominia de morrerem escravos na patria, e pela perseguição feita a todos os que seguiram a ban-

deira do Prior do Crato, que tambem fez desterrar a muitos.

A este periodo calamitoso da nossa historia seguiu-se a restauração feita em 1640, e que poz no throno el-rei D. João IV. O reinado deste principe foi uma lucta incessante com Castella, que não fez senão quebrar ainda mais as forças dos dois povos rivaes. Os campos allagavam-se de sangue; e cada braço que cahia inutil era uma charrua que parava: a despovoação foi tal por toda a parte, que se tornaram poucos os homens para defenderem com as armas a liberdade e a independencia, e que quasi só ficavam os vellos e as mulheres para se occuparem dos misteres do campo. Só os homens cuja intelligencia é alumia-da pelo genio, podem bastar a uma vida agitada, sem perderem de vista o futuro. D. João IV não era um desses homens que representam e abrangem em si um pensamento grande, que o desenvolvem e o alargam pela força do proprio espirito; tinham sido as circumstancias, o acaso quasi, quem o elevou ao throno, quem lhe poz a corôa na cabeça; filho de um pensamento de liberdade que elle não podia sentir em toda a sua extenção, deixava-se impellir e não arrastava, seguia o caminho que a providencia lhe traçara, sem o alargar, sem mesmo o abranger todo. E' por isso que, inteiramente occupado com as guerras da restauração, tremendo sempre de cahir do throno que lhe vacilava debaixo dos pés, elle não acudiu com prompto remedio aos muitos males que lhe consumiam o reino: o estampido dos canhões, o embate das armas turbavam-lhe a razão, e não lhe deixavam vêr, que o povo não carecia só de ter uma nacionalidade sua propria, carecia tambem e principalmente de recuperar o tempo perdido, de trabalhar, de se instruir, de se fortalecer pela industria.

Havia com tudo duas necessidades naquella epoca, filhas ambas da acção pezada do dominio estrangeiro a que era indispensavel acudir, e a que de feito se acudiu immediatamente, não com remedios radicaes, filhos de um pensamento politico e economico elevado, mas com paliativos que satisfaziam as exigencias importunas das circumstancias, sem prevenirem de nenhum modo os males futuros: a primeira necessidade era a mingua de população que se fazia sentir por todo o paiz, a segunda a falta absoluta de cereaes,

mesmo para o consumo dessa dizimada população. Buscou-se pôr termo ás emigrações continuas de portuguezes para fóra do reino pelos Alvarás de 6 de Setembro de 1645, de 8 de Fevereiro, 4 de Julho, e 5 de Setembro de 1646: quiz-se obviar aos graves inconvenientes da falta de alimentos aliviando de direitos o pão que fosse importado para o reino «por ter sido representado nas côrtes de 1641, que era tão preciso o pão, que nunca viria de sobejo.»

Acabou o reinado de D. João IV, e seguiu-se no throno a pálida sombra de um rei, a que a historia chamou Affonso VI. Impotente, fraco, sem alma, dominado pelos favoritos, governado por um ministro que, sem ser máu, não tinha nem intelligencia elevada nem saber, encadeado n'uma rêde de intrigas por um irmão ambicioso e por uma côrte fútil e corrupta, este rei não deixou memoria sua em Portugal. Não nos resta uma só providencia do seu tempo em favor da agricultura, que tanto carecia de ser auxiliada e animada pelo governo. A não serem as batalhas contra os castelhanos victoriosamente pelejadas por alguns generaes, este reinado seria um reinado sem historia, um ponto negro nas chronicas do nosso paiz: e ainda a gloria de grande parte dessas victorias devemos repartil-a com os estrangeiros que nol-as ajudaram a ganhar.

D. Pedro II não foi mais util á agricultura do que seu desgraçado irmão; o seu reinado foi igualmente esteril para o paiz, ou antes com elle perdemos nós bastantes das nossas riquezas d'além-mar, sem nada ganharmos em organização, força, e industria. Durante o periodo em que D. Pedro II occupou o throno só se publicaram algumas leis para promover a cultura da seda; mas os processos agricolas no que elles teem de mais largo, as riquezas do sólo no que teem de mais importante, nem lembrados foram pelos que então dirigiam os destinos deste povo. N'um paiz onde havia tudo a fazer nada se fez; a desordem era geral, a justiça era irreverentemente desacatada, a pobreza, a decadencia cresciam sempre: a mancha terrivel lançada sobre este reinado logo no seu começo por um fratricidio ficou sempre por lavar.

A morte de D. Pedro levou ao throno D. João V, cujos actos podem quasi sem excepção ser explicados pela mola que então dava movimento a toda a maquina social, pelo grande dominio que tinha sobre o espirito do rei; o clero de então podia tudo, porque sabia absolver muito peccado galante, e o rei não hesitava em pagar largamente os serviços que elle lhe prestava. A fé nesse tempo não era viva, não era nobre e elleuada como nós a devemos a Deus, mas era generosa, mostrava-se por uma pompa vã e uma ostentação ouca e desarazoad.

O pensamento de el-rei D. João V foi sempre constante e invariavel: os templos que alevantou, os conventos que edificou, as corporações religiosas que dotou, foram tudo manifestações desse pensamento. O

Têjo pelas muitas voltas que fazia, pelas quebradas que cavava com a corrente, e ruínas que causava com as enchentes impetuosas, fazia grande prejuizo aos lavradores que habitavam as suas margens, como faz ainda hoje, para vergonha nossa; D. João V. mandou cortar-lhe estas voltas, e indireitar o alveo do rio. Foi uma obra custosa mas de pequena importancia pela sua imperfeição; porém para que se não duvidasse do pensamento que o movia, o rei doou o antigo leito do rio, que ficou a descoberto, á Basilica Patriarchal. E' com tudo esta a unica obra, de verdadeira utilidade industrial, deste reinado, a unica que merece commemorada n'um trabalho desta natureza.

Portugal estava desolado e pobre quando entrou a governar o Marquez de Pombal. Dois milhões apenas de habitantes constituíam então toda a população do reino, e destes só apenas trezentos mil achavam, na colheita de cada anno cereaes para se sustentarem: a mocidade andava sem educação; os interesses verdadeiros da nação estavam de todo esquecidos; os ecclesiasticos eram muitos e mui poderosos e ricos, as emigrações para as conquistas, sem numero; a agricultura seguia um caminho errado, plantando de vinha até os terrenos baixos que só a cereaes são proprios; os senhores de herdades esmagavam com infinitas vexações os miseros colonos; a administração, os impostos exorbitantes, o excessivo preço dos jornaes exigido pelos trabalhadores do campo, tudo se unia para fazer um paiz miseravel de uma terra que Deus fadara para a opulencia. O grande ministro de el-rei D. José viu logo com a lucidez de espirito, que constituiu o seu dote mais brilhante, quaes eram as causas de tão grandes males, quaes os remedios que lhe podiam pôr um termo: como sempre, a execução seguiu de perto a concepção daquelle espirito vigoroso.

Foi um impulso sem igual dado por um só homem a um povo adormecido, tudo extremecido, o cadaver agitou-se e andou, como se lhe tivera tocado uma corrente voltaica; mas a vida não penetrou no coração, e por isso duraram pouco as suas manifestações.

A educação publica, como ella então se entendia na Europa, foi implantada em Portugal, e creou tão fundas raizes que ainda hoje é difficil substitui-la por outra mais em harmonia com a civilização de agora. As portas dos conventos fôrão cerradas aos mancebos que nelles se precipitavam, para alli buscar uma vida de ocio e esterilidade; as admissões para o clero fôrão reguladas pelas necessidades da Igreja. Pôz-se um termo ás emigrações desordenadas para o Brazil: e procurou-se atrahir para o reino, pelas honras e pelos privilegios, os homens opulentos daquellas terras. Com mão, que a muitos pareceria nesse tempo vandálica, mas que hoje a todos se deixa vêr que era guiada pela razão mais esclarecida, foram arrancadas as vinhas das terras adequadas para a cultura do pão, e plantadas nas alturas onde se cria a uva mais pro-

pria para o fabrico do vinho. A creação da companhia de vinhos do Alto-Douro, cujo pensamento fundamental é um grave erro economico que a sciencia tem refutado triunfantemente, mas que no seculo passado era geralmente tido por uma verdade, foi, não se pôde duvidar, de grandissima utilidade para aquella região vinhateira; porque aperfeiçoou esse ramo de agricultura, e deu impulso pela associação ao trabalho individual.

Uma lei de 25 de Junho de 1766 poz um termo ao engrandecimento indefinido das propriedades das corporações de mão morta, prohibindo que adquirissem, ou conservassem bens de raiz fóra do seu patrimonio. Outra lei de 1773 aliviou os cereaes e legumes do insuportavel pezo dos direitos, que pagavam nos portos do Algarve, reduzindo estes a tributos modicos e razoaveis.

A administração das lezírias do Riba-Têjo, que andava desorganizada e perdida, a ponto de ficarem muitos terrenos incultos e outros alagados pelas aguas, teve uma nova forma, e entrou n'um caminho regular. A distribuição dos baldios pertencentes aos concelhos foi regulada; o preço dos jornaes, que tinha subido a grande excesso, foi limitado: tudo em fim sentiu a influencia omnipotente e benefica da vigorosa vontade do Marquez de Pombal.

A cultura do arroz, que era desconhecida em Portugal, apesar das muitas relações que tinhamos tido com a India, foi por este tempo introduzida, e desde logo prosperou e cresceu quasi até ao ponto em que hoje a vemos.

A cultura da seda que alguns cuidados tinha merecido nos reinados anteriores, foi, no reinado de El-rei D. José protegida extraordinariamente. Aos lavradores, que se dessem a esta cultura, concedeu-se o privilegio de não pagarem certos tributos da seda e da terra em que as amoreiras estivessem plantadas, o de gozarem seus filhos das isenções concedidas pela Ordenação aos caseiros *encabeçados* dos fidalgos, e finalmente se lhes deu ás familias, sendo mecanicos, a habilitação para exercerem certos officios, sendo nobres, o direito a certos premios proporcionaes á extensão da sua cultura.

Um dos elementos mais indispensaveis para o melhoramento da agricultura n'um paiz, é a facilidade das communicações; todos sabem que sem ella não é possivel o commercio, não se dá a concorrência, não existe o consumo em uma escala larga e animadora. Estes principios fôram attendidos pelo ministro de D. José. As estradas do termo de Lisboa fôram cuidadosamente concertadas: começou a abrir-se um canal, desde Leiria até ao porto de Vieira, para encanamento dos rios e prevenção dos estragos que as grandes cheias causavam: o Mondego pelo impeto de suas aguas tinha destruido mais de seis leguas de margem ao Sul, e essa quebrada foi concertada á custa de grandes sacrificios: a ribeira da Cidreira havia alagado todo o

campo do Bolão até ao Mondego, abriram-se vallas para o despejo das aguas, e construiu-se a ponte que tira o nome desta ribeira.

Vê-se que o impulso dado á agricultura pelo Marquez de Pombal foi pelo menos igual ao que d'elle receberam as outras fontes de prosperidade publica. E' com tudo para notar que, n'uma epoca em que se buscava importar para o paiz quanto havia de melhor nas nações estrangeiras, se não emprehendesse o estabelecimento de um instituto para o ensino pratico da agricultura, nem se generalisasse mais o estudo desta arte util: a falta de uma instituição desta natureza fez tal prejuizo ao paiz, que ainda hoje se lhe estão sentindo os effeitos.

Caiu o Marquez de Pombal com a morte de El-rei D. José, e logo se inaugurou o reinado de uma nobreza cubiçosa e desintelligente, e de um clero que, pela maior parte, não era dominado pelos pensamentos puros, elevados, e de generoso desinteresse, que só convcem aos sacerdotes de uma religião sublime. Seguiu-se uma reacção terrivel e implacavel contra o illustre ministro, que tinha sabido conter as exigencias dos privilegiados nos limites estreitos do dever, e esta reacção teve funestos resultados para o paiz, que ainda se não tinha compenetrado do espirito novo que o Marquez de Pombal lhe tinha querido inculcar. A decadencia manifestou-se, quando a prosperidade começava apenas.

No curto reinado de D. Maria I tomaram-se só algumas disposições de muito pequena importancia em favor da agricultura, e essas mesmo fôram quasi sempre de um interesse estreito e local: o pensamento generalizador do Marquez estava perdido; se por vezes lembrava uma boa medida era para a applicar a um ou outro concelho. E' assim que fôram prohibidos os pastos communs nos concelhos de Serpa e Moura, que vêmos promover a cultura do linho e do canhamo n'uma provincia, que achamos algumas leis de pouca monta sobre a companhia do Alto-Douro, em fim que encontramos a creação de eschololas isoladas nesta ou naquella aldêa. Dura ainda um ecco do pensamento do ministro regenerador; mas um ecco distante e confuso, que perdeu toda a grandeza, que tomou proporções acanhadas, que quasi se não sente já.

Veiu a regencia do principe, que depois foi rei; e começaram as agitações da guerra a aballar o reino: a França principiou a estender os seus exercitos colossaes pela Peninsula, e a côrte, tremendo de susto, abandonou o reino onde havia perigo, para ir procurar o remanso da paz nas regiões distantes da America.

Desde este instante Portugal foi votado pelo poder á guerra e aos sacrificios; em quanto a nação pelejava pela liberdade, sacudindo suberba o jugo estrangeiro, estavam no Brazil a abrir-lhe a sepultura, e a derrocar-lhe os alicerces da sua ultima grandeza. Fizeram do Brazil a Metropole, e de Portugal uma Colonia.

Nesta epoca foi o Brazil dotado de muitas leis importantes, de muitas instituições uteis. A lei das sesmarias foi-lhe applicada; creou-se um Banco no Rio de Janeiro; montou-se uma imprensa regia; organisaram-se tribunaes particulares para aquelle paiz; deu-se-lhe o titulo e a dignidade de reino, isto é, a independencia; e finalmente em 1810 determinou-se que a expedição para a India em vez de partir do porto de Lisboa partisse do Rio de Janeiro.

A guerra, durante este desgraçado periodo, consumia Portugal, e cubria-o de ruinas; o dominio inglez tomava raizes, que lhe sugavam o resto da substancia nutritiva que ainda tinha: e nem uma lei nem um acto do governo vieram consolal-o de tão grandes padecimentos.

A revolução de 1820 foi mais uma reacção contra estes males, que pezavam sobre a nação, do que um esforço para mudar a forma de governo. Fez-se essa revolução memoravel, e desde então a lucta ainda não parou: no remoinhar dos combates, entre o rugir das revoluções, muita instituição caduca tem cahido arrancada pela raiz; mas no terreno revolvido, cavado, limpo de tanta herva ruim, ninguem tem sabido plantar as novas instituições; e se algumas se plantaram pendem murchas por falta de cuidados.

A dôr deste povo é profunda, porque já dura ha muito; é tempo de se lhe pôr um termo.

A sciencia, a administração, a legislação, e a imprensa, são outros tantos instrumentos de organização, outras tantas maquinas, cujos esforços nos outros paizes produzem o augmento da riqueza publica: entre nós de nenhum delles se tira proveito, antes de alguns resulta grave damno, pelos muitos erros em que ainda se acham envolvidos.

A nossa antiga posição na Europa, que nos era dada pelas grandes conquistas de que eramos senhores, acha-se hoje completamente perdida; já não podemos tornar a ser um povo grande e poderoso como fomos, mas podemos ser ainda um povo feliz e abastado, se soubermos colher o fructo dos muitos dotes, com que a natureza nos mimoseou.

A nossa historia industrial é uma severa lição: estudemol-a todos, e conheceremos o caminho que para o futuro nos convem seguir.

NAVEGAÇÃO POR VAPOR ENTRE PORTUGAL, CADIX, MADEIRA, AÇORES, E CANARIAS.

QUANDO se contempla quasi deserta a ampla bahia do Tejo, outr'ora tão opulenta e hoje viuva do sceptro dos mares, na amargosa recordação de tantas memorias quem não suspira pelo passado, e não descreê do presente? No Mappa, que a vista percorre, estão os vastos dominios, de que eramos senhores, e aonde agora campeão as côres do conquistador estran-

geiro. E' que para nós as horas de grandeza voaram rapidas como a vida foge ao homem. Entre o apogeu e o occaso, o astro não parou um momento. Tivemos apenas o tempo de traçar com a lança o nosso epitaphio, e escripta esta pagina para a historia, deixámos de ser. . . declinámos!

De D. Manuel á batalha d'Alcacer Kibir mal se conta um seculo; e todos sabem que as exequias da monarchia foram no campo da peleja onde nascêra. Mas, se o rei e o reino morreram ambos alli, solememente, com a sua armadura christã, o coração e a virtude de Portugal havia já meio seculo, que se tinham enterrado em Arzilla com o ultimo fronteiro. D. Sebastião quiz fazer heroes dos mercadores da India, e não fez senão apressar a hora marcada para a nossa quêda. Para renovar as proezas do Mestre de Aviz e de Affonso V. era necessario primeiro pedir a Goa, a Malaca, a Diu, e Ormuz, os Achilles da armada, os quaes achavam o seu tumulo nos « pannos » voados das fortalezas, a quem sobre as aguas serviram de mortalha as ondas rebentando á proa das náus.

Dêmos á civilisação moderna como gloriosos titulos — os nomes dos navegadores mais ousados. A estrada, que a Europa segue, abriu-a a quilha dos galhões portuguezes; e o genio da tempestade, que destrivera o carthaginez e o arabe, humilhando-se vencido, devassou-nos o Oriente, feito nosso escravo. De tantos sacrificios e de tamanho poder conservámos as reliquias, desprezadas, como se nos sobrassem thesouros. Depois de perder reinos apoz reinos no imperio indiano, vimos despregar-se o Brazil da nossa corôa; o resto, que ainda faria inveja a uma grande potencia, fecham-no improductivo estas mãos, que de orgulhosas, nunca souberam trabalhar.

Desde a passagem do Cabo adormecemos na cega confiança, de que nos bastava desejar para obter. Afeitos ao commercio de monopolio da America; e senhores da unica chave do mercado chinez, á Bahia, ao Rio e a Cantão, mandavamos as náus, que enriqueciam o negocio e o Estado. Imaginou-se que esta corrente de lucros era inexgotavel; gastou-se com fausto, entregou-se tudo á providencia; o acaso e o favor suppriram o calculo e a reflexão. — Só o Marquez de Pombal entendeu o perigo desta fortuna parasita, e tratou de o remover. Apropriando á nossa indole as idéas de Colbert, o ministro omnipotente d'el-rei D. José, tentou a renovação economica do paiz, suscitando conflictos á Grã-Bretanha para dar a necessaria folga á industria nascente, e creando companhias ultramarinas que chamassem á vida da cultura os terrenos das nossas possessões e dessem exportação vantajosa aos productos da Metropole. O pensamento do Marquez morreu com elle, e d'ahi em diante cada dia separou mais nos interesses o reino e as colonias.

Se uma vez em fim quizermos romper de viseira com a tradicional inercia da administração ultramarina, a primeira necessidade é diminuir a distancia,

que separa as possessões do continente. A segunda consiste em lhes facilitar o giro commercial, e o tracto constante, que activa as relações, e anima as empresas uteis. Neste sentido não devemos deixar de expôr o inquestionavel proveito, que se colherá, de uma navegação periodica, segura, e bem dirigida, que visite diversos pontos, e os ligue entre si.

A Camara electiva acaba de votar uma auctorisação ao governo para se contractar com uma Companhia portugueza a navegação por vapôr entre o reino, as ilhas, e as Canarias. A discussão foi luminosa, quanto ás regras invariaveis, que devem regular concessões desta importancia; o principio da concorrência, e o da interferencia do Estado na organização das empresas industriaes desta especie foram demonstrados com evidencia. Não cabe aqui, agora, desenvolver a theoria administrativa, nem debater o preceito por ella imposto; a auctorisação tornou-se um facto, e do facto é que partimos para offerecer as nossas reflexões.

Uma noticia resumida ácerca da navegação Transatlantica por vapôr não será inutil para se formar exacto juizo da importancia do objecto, que se propõe a associação portugueza, e para se perceber o nexos, que deve ligar as suas operações, dando-lhe por base um systema mais vasto e bastante solido, que lhe servirá de poderoso auxilio.

A Companhia de navegação Transatlantica recebe annualmente do governo inglez uma prestação de duzentas e quarenta mil libras sterlingas, em premio do serviço postal a que se obrigou. O seu capital é de milhão e meio de libras. Possuia quatorze vapôres da força de 450 cavallos no seu começo, e tres bellos navios de vela para completar as communicações entre os pontos, onde ellas se fazem com igual facilidade á vela ou por vapôr.

As embarcações da Companhia Transatlantica, como os paquetes em geral, não carregão fretes, e unicamente transportão despachos, especies metalicas, e passageiros. Exceptuam-se apenas mercadorias de grande valor e pequeno volume. O serviço postal, que accetou pelo seu contracto, faz-se duas vezes por mez, entre a Grã-Bretanha, todas as Antilhas, a costa adjacente da America do Sul, e os principaes portos do golpho do Mexico; e repete-se outras duas vezes por mez entre todos estes pontos, e a Havana e Nassau (ilha da Nova-Providencia) até aos portos dos Estados-Unidos situados no Atlantico, incluindo mesmo Halifax, na Nova-Escocia.

A linha da Inglaterra á ilha Barbada (uma das Antilhas, na America Septentrional) passa pela Corunha e pela Madeira. A' volta das Antilhas a extensa linha parte de Nassau (Nova-Providencia) toca nas Bermudas (na America Septentrional), e no Fayal, donde vai terminar a Southampton. Em Nassau acaba tambem a linha, que se estende das Antilhas á extremidade do golpho do Mexico. E' alli o seu ponto de

junção. Entre Fayal e Madeira a communicação sustenta-se com um navio de vela magnifico. Neste vasto systema reina a maior exactidão e regularidade de ida e volta, entretendo rapidas e faceis relações com as ilhas e continentes, que abrange; vai de Surinam, ao este, ás margens do oeste do Mexico; do golpho de Parí e Chugrés ao sul, até Halifax ao norte; e percorre alguns dos principaes portos dos Estados-Unidos.

O viajante, que sahe de Inglaterra visita quasi todos os portos das Indias Occidentaes, está quinze dias n'aquelle que preferir, e volta a Londres, ao cabo de uma digressão de dois mezes. Vinte dias depois de deixar Southampton acha-se diante da magestosa montanha (com 12,800 pés d'altura), junto da qual se levanta Laguayra, e descendo o declive opposto entra no risonho valle de Caraccas, situado 4:000 pés acima do nivel do mar, que uma primavera eterna alegria, e onde o clima é tão suave como o mais bello estio da Grã-Bretanha.

Esta empresa collossal, dirigindo os seus paquetes por vapor em dias e horas fixas, de quarenta portos da Europa e da America, offerece o documento mais expressivo do poder da associação, e dos capitães fecundados pelo engenho e pela constancia. Os Estados-Unidos, juizes sisudos e competentes na materia, foram os primeiros a confessar as vantagens incalculaveis, que ella promete politica e commercialmente á Gran-Bretanha. Um estadista notavel, deplorando, como bom americano, que não coubesse ao seu paiz a gloria da iniciativa, accrescenta, « que a navegação da companhia unirá os dois hemispherios. »

Aproveitando a sua força, e adherindo ao seu systema, a companhia portugueza explora uma das uteis applicações, que a navegação transatlantica facilita. As duas linhas, que os seus vapores hão de percorrer, harmonisam-se, em locaes e prazos, com a ida e volta dos paquetes das West-Indias. A primeira sahindo de Lisboa tocará em Faro, Cadix, Madeira e Canarias, demorando-se seis horas em cada ponto; e no regresso a Lisboa, desfaz a mesma escalla. A segunda linha, partindo de Lisboa, toca em Lagos, Cadix, S. Miguel, Terceira, Fayal, com igual demora em cada um, e regressa pelos mesmos pontos.

Deste modo a linha entre Cadix e as Canarias encontrará na Madeira o vapor britanico, que alli toca todos os mezes, levando sempre de oitenta a cem passageiros hispanhoes, obrigados a demandar a Inglaterra para poderem seguir viagem, e forçados a pagar inutilmente o preço do transporte de Cadix para Southampton. Estabelecida a navegação portugueza estes passageiros serão recebidos em Cadix nos seus vapores, e sem maior sacrificio de tempo o de despeza irão tomar um logar no paquete transatlantico. Igual razão se dá na linha dos Açores a Cadix, porque o vapor inglez, regressando toca no Fayal e os passageiros hispanhoes em vez de serem levados a Southam-

pton, poderão voltar directamente á patria com immensa economia.

Basta enunciar estes dados para se vêr, que o calculo da companhia portugueza é fundado em solidas razões commerciaes. Os viajantes peninsulares, convidados pela diminuição de preço e de distancia no transporte — hão, de preferir a passagem directa, á custosa, e forçada passagem por Southampton. Para colher todo o proveito que a empresa assegura, apenas carece de prudencia e de franqueza. Não tente ressarcir o capital, ou retirar lucros exorbitantes logo no começo; procure pelo contrario imitar o engenho especulador, que conta com o tempo, e se satisfaz com modesto juro, desprezando o premio excessivo, sempre indicador de risco ou de ruina. A empresa, sobre tudo deve evitar o inimigo maior, que tem a industria peninsular — o fausto e a opulencia dos accessorios. Nada de estados-maiores e de aparatosas sinecuras, se deseja prosperar! Essas despesas improductivos não dão juro, e só contentam vaidades femininas.

Para a construcção dos vapores tem os modellos feitos — são os paquetes transatlanticos, onde ha a maior attenção pela commodidade dos passageiros. As divisões interiores devem ser arejadas, limpas, e bem repartidas. O tractamento apropriado á indole e gosto nacional dos viajantes. A companhia, mesmo, convirá que seja menos rigorosa, do que a britanica, quanto a receber cargas. Com boa escolha e acerto pode tornar-se o vehiculo de relações commerciaes maritimas entre a Hispanha e Portugal, nunca tentadas até hoje, porque os paquetes, que os communicam se negam a transportar fretes de maior volume.

Com o tempo a companhia propõe-se estabelecer um vapor para correr a escalla nova addiccional entre a Madeira, e o Pará, tocando em Cabo Verde. Este projecto não é leviano; funda-se tambem em dados positivos. Ha no Rio de Janeiro um empresa de vapores, que todos os mezes visita o Pará, percorrendo os portos ao norte do Brazil. Bastará combinar as datas da chegada dos navios americanos para o vapor addiccional os ir encontrar a tempo recebendo a correspondencia e os passageiros.

Considerada em relação á politica colonial, esta navegação torna-se de extrema vantagem. Só pelo trato quasi quotidiano, e pela frequencia de relações de toda a especie será possivel estreitar os vinculos entre a Metropole e as possessões, que sem se conhecerem de mais perto nunca poderão ser familiares em interesses e em instinctos. O vapor aproxima as distancias, e por conseguinte diminue metade dos obstaculos, que separam os colonos da mãe patria. A industria, que dormita por falta d'emprego acordará, logo que um mercado mais conhecido, e um transporte menos oneroso a habilite a exportar. O Algarve, clima abençoado, em que a agricultura pôde produzir os fructos da Europa, roubando á Africa e á America muitos dos que as enriquecem, o Algarve que é um jardim

africano no solo Europeu, protegido por uma navegação periodica, e barata, alargará a esphera da cultura e da industria, prehendendo as condições, que a sua posição geographica lhe assigna na lavoura do paiz.

Tanto para a boa administração como para a intimidade commercial esta empresa poderá servir de poderoso auxiliar, se uma politica sagaz e habil a souber aproveitar. Por um lado dá vida a terras quasi mortas pela falta de relações; pelo outro aproximamos da grande nação vizinha, tão separada até agora de nós por um erro indisculpavel em ambos os gabinetes, que em vez de se abraçarem n'um interesse commum de commercio e de posição politica independente, tenderam sempre a conservar intacta a hostilidade do cume e da ambição, disfarçada sob apparencias risonhas. Todos sabem, a que ponto de desenvolvimento se chega por meio de communicações quotidianas. Quando os povos e as industrias se conhecem de perto, a civilisação filha da reciprocidade das idéas e da mutua conveniencia adoça as antipathias, e cria amizades seguras porque repousão em interesses vivazes e solidos. Quando a colonia fôr rica a Metropole ha de colher o seu quinhão; quando das transacções de dois paizes vizinhos resultar vantagem, só a mais crassa estupidez fará, que o proveito não seja d'ambos. A Inglaterra e a America tem o sceptro que foi nosso por uma razão simples « caminharão em quanto nós dormimos! »

NECESSIDADE DE UMA LEI DE HABILITAÇÕES.

PARA ser desejada a instrucção deve fazer-se do povo. A melhor theoria não resiste a um sopro, se não viver nas sympathias e na conveniencia do paiz; porque os meios coercitivos, embora se empreguem com vigor, nada conseguirão, se os não auxiliar a vontade e o exemplo: e esses não se decretam, não se comminam, nascem livres, crescem com o tempo, e sustentam-se do convencimento, que prova a cada um que na utilidade geral, é que reside a sua particular vantagem.

E' erro vulgar, não só nosso, mas ainda de mais adiantadas nações, suppôr, que melhoramentos impostos á força, contra a indole do paiz, e apezar das suas repugnancias, podem alargar-se, e medrar. Confunde-se a iniciativa do Estado, com a acção preceptiva, e quer-se colher por obediencia forçada o fructo, que não se cria, nem cõra na arvore, senão depois de feito pelo tempo, e de amadurecido pelas idéas.

Todas as vezes, que a civilisação não fôr o resultado logico da acção do paiz, protegida pela tutela do governo, nenhuma das suas promessas chegará a tomar corpo de realidade. As leis devem afeiçoar-se

aos costumes; raras são aquellas, que os fazem de repente, e modificam assim o caracter nacional. O segredo do estadista consiste em educar o povo para receber a lei; tornando-a filha da adopção geral, dando-lhe por base o amor e a crença de um povo inteiro, é que obterá a execução voluntaria. Sem isto, ou a resistencia ou a inercia cortarão a voz ás reformas, que sem ecco no coração do paiz, hão de morrer das suspeitas, ou dos preconceitos, que atalham sempre o passo a toda a idéa nova.

O governo absoluto reconcentrando em si os poderes, e declarando-se depositario de todos os direitos, devia supprir pela acção individual a actividade collectiva. «O Estado sou eu!» dissera Luiz XIV; e esta maxima, convertendo a palavra em facto, obrigava o monarcha a vêr tudo, a querer tudo, e a ser tudo. Desde que a sociedade fôra constringida a abdicar na prerogativa real, a esta revertia a gloria, se os melhoramentos se operavam, ou o opprobrio, se a immobildade paralisava o paiz. Ninguém mais era responsável.

O rei substituiu-se ao povo. O seculo tomava o nome de um homem, ministro ou monarcha. Morto elle, a náu ficava sem piloto, diante da immensidade do futuro, no seio das luctas e hesitações do presente. Quando o progresso de qualquer nação está fechado nas mãos de um individuo, acredita-se, que ha de rever as côres das suas paixões, e modelar-se pelas proporções sempre acanhadas do seu busto. Se é Napoleão, deixará na historia uma epopeia, fundirá em bronze os typos da regeneração futura, e depois, envolto no manto, como n'um sudario, cahindo, assistirá vivo ás exequias do seu imperio. Se fôr semelhante a Luiz XIV, veio dourar de um reflexo de gloria a agonia do poder absoluto, e cavar um tumulo de gigante para os seus herdeiros sepultarem um pigmeu.

O que o homem só crear morrerá com elle. Eterno, duravel, unicamente pôde ser o que a mão do povo inteiro cunhar com a sua effigie. Leis, industrias, idéas, fugirão na corrente, se o paiz as não fizer suas, se as tolerar, e não as metter no coração como filhas.

De todas as reformas, a instrucção é a mais delicada de plantar, a mais perigosa de morrer. O systema, que a fundar, não prospéra sem convencer a intelligencia pela razão, e attrahir as multidões pelo interesse. O exemplo é a lingua natural do povo; só pela experiencia das vantagens o farão acreditar nas promessas, e sujeitar ao trabalho. O Parnaso das Academias do seculo XVIII era para os Deuses; — os homens d'agora não querem saber de Apollo e de Musas; é preciso mostrar-lhes o proveito na risonha e massuda figura do fabricante rico, e do lavrador abastado. Expôr-lhe o principio, e pegando-lhe na mão, fazer-lhe apalpar a conveniencia tangivel do lucro, que podem tirar da sua pratica.

Esta civilisação, em que vamos, é nova, é moça, por força ha de doudejar; a cada passada perde o equilibrio, ora pendendo para espiritualisar tudo, ora cahindo para o «deve e ha de haver» dos interesses materiaes. Estamos em completa reconstrucção, e se todos se levantassem em engenheiros tinhamos uma Babel. Os architectos, que são os poucos, devem ensinar pois os operarios, que são os muitos; e o operario não se afadiga sem salario, porque não vive do louro esteril de uma eschola. Dê-se ao povo, ao operario, o premio do trabalho; ensine-se-lhe a obra, que deve fazer, pague-se o suor das letras como se paga o suor do campo, e teremos tudo o que pedimos, mais ainda do que esperamos.

Na antiga Jerusalem, as tribus de Israel, que o assedio opprimia, de dia vinham offerecer o peito para muralha viva da liberdade, e de noite erguendo ameias derrocadas é que descansavam.

A tenda do guerreiro era ao mesmo tempo a baraca do operario. Hoje, tambem, as nações acampam em pleno arraial; civilisação militante, esta nossa, quer que os filhos da geração presente sustentem as idéas com a espada, e edifiquem a nova cidade com os braços. Aquelle que adormecer no meio do trabalho, antes da sua hora cumprida, poderão dizer o que o Messias clamava aos Apostolos no horto da expiação.

Tornae a instrucção essencialmente pratica se a que-reis divulgar; tornae-a applicavel em tudo ao diverso labor das artes e profissões, se desejaes, que ella chame o povo, e o atrahia a si. O systema do ensino nunca pôde ser arbitrario, nunca deve ser copia servil e exotica do que ha em outros paizes. Os melhoramentos não se enxertam ás cegas; convem escolher a epoca, considerar o clima, e attender as circumstancias do povo, que se pretende regenerar. O que serve á Inglaterra não aproveita sempre á Alemanha; o que em França se applaude mais, quem vos assegura que se dê bem com os ares de Hispanha? As nações, como os individuos, teem indole e vocação propria — dependem da posição geographica, e da posição politica. Forçar-lhe o genio, vergal-as contrafeitas a ensaios temerarios, não será correr o perigo immediato de lhes quebrar o caracter, e de as extenuar de fadiga esteril?

Portugal é um reino singular pelas suas desgraças, pela grandeza d'alma verdadeiramente nacional que respira, e pela benção, que Deus lançou á fertilidade do solo e á suavidade do ceu. Não é culpa sua, o estado a que chegou: Levado pela mão de um governo, que saiba e queira, poucos annos bastam para recuperar o perdido. Mais de uma vez pezo sobre elle o braço da adversidade, e levantou-se da quêda, sempre generoso, sempre invencivel. O Marquez de Pombal, que nos conhecia melhor do que ninguém, provou que não ha impossiveis quando uma vontade firme ordena, e uma intelligencia superior dirige; achou a monarchia agonisando; deixou-a ro-

busta e quasi regenerada. E foi associando o povo (a flôr delle representada pela burguezia) á sua acção que o Marquez consumou os prodigios daquelle governo. Não egualou em tudo Richelieu, o theatro era mais estreito, porém na reforma dos abusos, na lucida apreciação das conveniencias da nossa posição geographica e da nossa vocação industrial, em nada lhe foi inferior. As regras que estabeleceu, os principios que assentou, á luz da sciencia actual não serão dogmas absolutos; mas todos demonstram que o estadista estava a par do seu seculo, e adivinhava com rara penetração em muita cousa as modernas applicações.

Na instrucção publica, o seu engenho reformador não foi além da epoca; não divulgou o ensino popular, como hoje se divulga; não fez delle a base e a condição de todas as profissões laboriosas; mas chegou até onde chegavam então os mais habéis; dotou o reino de toda a sciencia, que havia fóra. Estava na epoca, era do systema do poder absoluto, a excepção nobiliaria, o privilegio; e se o não matou de todo no ensino, tirou-lhe o maior odio, patenteando ao merito, como á aristocracia, o caminho dos cargos publicos; a historia do seu governo em mais de uma pagina consagra a memoria de se preferir o talento e o estudo do plebeu ás orgulhosas proteções do fidalgo só rico de pergaminhos. Isto é já muito para o tempo; seria injusto accusar o Marquez por não fazer o que nos custou a nós um seculo de lagrimas e de sangue.

Em diversos artigos, desenhando esta ou aquella phase, fomos mais ou menos severos com o paiz e com os homens. Não se deprimiu esta nobre terra que se ama sobre tudo; advertiu-se o erro, e censurou-se a indolencia. Na vida do Marquez ha grandezas e faltas; na sua politica apparecem grandes actos, e erros tambem grandes. Ninguém é impeccavel, ninguém nasceu infallivel. O seu poder resgatou Portugal; o seu nome é a invocação patriótica dos que choram a saudade de melhores tempos; mas a historia ha de julgar-o, e não adular. E' este o sentido de tudo o que se escreveu já, e do que ainda se escrever. A apothese, ridicula sempre, na critica é vil e intoleravel. Quando se falla a um paiz livre, a linguagem deve ser digna delle — e digna delle é só a verdade.

O Marquez de Pombal no pensamento viu só a educação classica, e a instrucção universitaria; as escolas primarias, que fundou, eram apenas para desbastar a rudeza dos alumnos, e os preparar para entrarem no tyrocinio das boas lettras. As suas aulas régias estão muito longe dos modellos, que a Alemanha e a França nos deram para o ensino popular. Entre tanto repetimol-o, o ministro de D. José I não podia adivinhar o progresso moderno um seculo antes de se realisar. A nós é que nos cumpre, hoje, emendar na sua obra tudo o que o tempo comeu, tudo o que é ruina, ou não serve aos usos e commodidades do nosso tempo.

Em habilitações, o Marquez, exigiu as que as instituições pediam. Seria absurdo esperar delle, que prophetizasse em decretos pósthumos, pela bocca da monarchia pura, a nova administração constitucional. A sua grandeza, a sua gloria, é a perfeita harmonia que estabeleceu entre o ensino e o systema politico. Se habilitou só os bachareis juristas para os logares de lettras, os theologos para os empregos ecclesiasticos, e os mathematicos puros para as funcções militares, é que a estas carreiras se reduzia tudo então; é que na capacidade universitaria só estava a esse tempo resumida a aptidão compativel com a epoca, e com o governo.

O Marquez está absolvido, e com elle o poder real absoluto. — Foram coherentes consigo; adiantaram quanto tinham caminhado os outros reinos. Mas o regimen constitucional merece igual desculpa, pode defender-se com boas razões? Ensaiei uma forma politica moderna, armou um machinismo administrativo novo; creou relações, interesses, e principios, que não havia; o que fez para instruir o paiz dos deveres e dos direitos, de que o mettia de posse pela primeira vez? Não será facil responder. O Imperador, em poucas linhas datadas de 1834 traçou o verdadeiro programma da instrucção constitucional do mesmo modo, que em tres leis economicas e sociaes tinha renovado a sociedade; com elle desceu, porém, ao tumulto a idéa e a acção — e d'ahi até hoje arrastamos-nos, não andamos na vereda trilhada pelo grande reformador.

E tempo já de nos decidirmos a ser da nossa epoca, e da forma politica que nos rege. Dêmos á instrucção a larga accepção que a lei de 1844 começou a dar-lhe, e é vulgar entre as nações cultas. — Para a fazermos do povo, dotemol-a de premio e de estímulo. Cuidemos do ensino pratico, sobre tudo; — cuidemos de nacionalisar as artes e as sciencias applicadas; se o gosto e a intelligencia publica as adoptarem, hão de viver e caminhar depois, sem pedirem protecção. Imitemos o Marquez de Pombal no desvelo com que olhava pela cultura e pela industria; estão vivos os seus exemplos; estão abertas as suas leis, veja-se como elle sabia crear as cousas, e crear-se-ha tão bem e melhor, porque nos sobejam os meios que lhe faltaram a elle. Unam á iniciativa do estado o esforço do paiz; associe-se o povo ao labor da reconstrucção, e o que não foi impossivel a Richelieu, a Colbert, e a Sebastião José de Carvalho, ha-de ser comparativamente facil para nós.

A primeira necessidade é dár emprego ao estudo, premiando o capital, que elle custa. Formem com as diversas carreiras o tyrocinio do talento e da actividade. A habilitação provada seja o unico titulo para o provimento nos cargos publicos; — colloque-se diante de cada uma das differentes funcções, segundo a sua especialidade, o preceito inflexivel — da lei, desarmando com elle o patronato, a inveja, e a intriga,

e melhorar-se-hão logo dois ramos importantes do serviço — o ensino e a administração.

Uma lei de habilitações não se improvisa como cartaz de espectáculo, bem o sabemos; demanda a pausa e o remanso do gabinete; é fructo da comparação meditada da harmonia do estado politico e social, com os factos legaes, e com as instituições civis e economicas. Das nações da Europa, só a Prussia completou o systema, fazendo convergir para as applicações praticas da administração e da industria o ensino das suas academias e escolas. A França apenas declarou o direito, e lhe deu sancção em algumas provisões parciaes. A Inglaterra accusava, ha um anno o seu governo de não tentar um esforço para nacionalisar a lei da Prussia por um acto decisivo, que pozesse termo aos abusos, e tornasse uma verdade o preceito constitucional, que abolindo o privilegio, só reconhece como titulo de preferencia para as funcções do estado a habilitação especial da sciencia e do merecimento.

A lei, entre tanto, não pode inventar a instrucção; — limita-se, unicamente, a declarar o direito adquirido por ella; reduz-se a applicar o ensino ao seu emprego natural. Antes de a legislar no preceito, é indispensavel, que exista primeiro nos costumes publicos; sem isto não ha beneficio, ha despotismo. Exigir do candidato a sciencia, que não se lhe ensina, os conhecimentos, que não pode obter, seria blasphemar com escarneio da santidade da lei. As habilitações são o chão da abobada; mas para ella se ajustar é essencial, que a base seja firme, e a construcção sólida e symetrica. Quem, levemente assentar a cupola do Pantheon nos hombros de edificio fragil, verá o pigmeu vergar-se sob a cabeça do gigante, ouvil-o-ha ranger e deslocar-se, e só colherá da sua audacia a rizada eterna dos que o advertiram, e no seu orgulho desprezou.

Para decretar uma lei de habilitações digna do seu objecto, não basta ter vontade, e mandar. Em Portugal, sobre tudo, ha-de começar pelo principio, refazendo a legislação do ensino; tornal-o menos classico, dár-lhe mais da vida do povo, e menos do perfume da erudição romana. Ha-de nacionalisar a escola pela influencia moral e religiosa do mestre e da parochia, dedicando a este ramo só, a intelligencia e a actividade de um ministro habil e zeloso. Só depois de renovado o ensino, de animada a sua diffusão, e de bem dirigido o seu progresso, se poderá tentar a verdadeira applicação ás funcções economicas e sociaes. O pensamento regulador da instrucção deve guiar-se por uma regra fixa; crear as escolas practicas-locaes para corresponder á necessidade de uma industria, ou de uma manufactura; desenhar todo o systema sempre com a idéa no desenvolvimento das diversas forças productivas do paiz, das industrias agricolas ou mechanicas, e de todas as carreiras, que a administração abraça.

Conseguido isto, por si mesmo estará feita a lei de habilitações. Resta adequar a capacidade á profissão que a pede, e sagral-as, como gemeas, pelo preceito e pelo facto.

As habilitações parciaes pouco melhoram. A ignorancia e a emprego-mania repellidas das funcções, que as exigem, irão impacientar-se á porta dos outros ministerios, e invadir de tropel os cargos, collocando-se tão bem ou melhor do que os funcionarios, que obtiveram accesso pelos tramites honrosos e difficeis do concurso administrativo. De uma para outra repartição reinará a injustiça relativa, e o pretendente retido á entrada, vendo abertas diante de si as facilidades do arbitrio, lançará nas fauces do cerbero da politica protecções poderosas, e calando-lhe assim a voz, ganhará sem trabalho o que pertencia ao merito e ao estudo. As habilitações hão de ser a regra; se as admittirem só como excepção, então pede a equidade, que as limitem a poucos casos, e á capacidade indispensavel meramente.

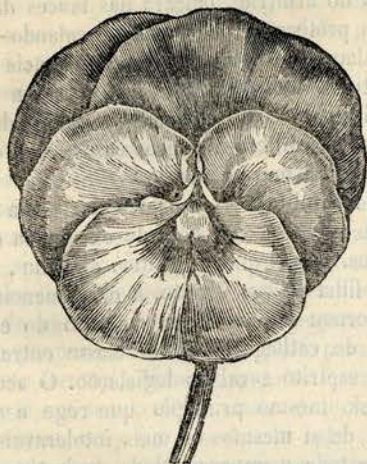
A lei de habilitações, uma vez declarada, altera o modo de ser, e as condições de existencia dos logares publicos. Desde que o arbitrio abdicou, e a preferencia é filha de um direito, a permanencia do empregado tornou-se um dever rigoroso do estado. A promoção de cathegoria ou de classe entra, igualmente, no espirito geral da legislação. O accesso, regula-se pelo mesmo principio que rege a admissão. Cessaram, de si mesmos os mais intoleraveis abusos, e a lei, em toda a imparcialidade da justiça, é quem escolhe dentre os candidatos o mais digno para o preferir, dentre os funcionarios o mais habil para o promover. Cada qual sabe que pelo estudo e pelo trabalho accumulou um capital, que as honras e uma remuneração fixa premeiam. Ninguém treme das vicissitudes do seguinte dia, porque, devendo só á lei a sua posição, tem a certeza, de que a lei, só, tambem, lha pode tirar. Esta independencia do emprego, filha do nobre sentimento da sua dignidade pessoal, é o fiador mais efficaz de uma carreira honrosa e moralissima.

Depois de consignado o principio das habilitações ficará curado o cancro da emprego-mania, que ha tanto tempo roe nas entranhas da nossa administração. Hão de voltar-se para as profissões laboriosas os braços ociosos, que se estendem para fazer requerimentos, ou fomentar discordias civis. Desenganados pela auctoridade de uma lei justa, dentro em pouco a lavou-ra, o commercio, as artes, e a industria, que só vivem pela paz, e com a confiança publica, terão recrutado para a riqueza nacional centenaes de cidadãos uteis, e para a estabilidade e a segurança do estado social tantos defensores, quantos forem os arados que rotearem as terras, os braços que forjarem o ferro, e os negociantes que povoarem os mercados.

A discordia reina pelo abuso. Morto elle vêl-a-hão fugir e procurar novo imperio, aonde a ruína e o

pranto lhe prometterem facil dominio. A instrucção que suaviza e educa os povos; as habilitações, que sanctificam o trabalho como um direito, são bases já bastante largas para lhe não vacillar em cima qualquer edificio, que se funde.

O AMOR PERFEITO.



QUEM ha, que não tenha uma sympathia irresistivel pelas flores? Quem não sente o encanto infinito, que se encerra na corola variegada de uma dessas formosuras dos campos?

Vêr a vida intelligente e providencial palpitante na violeta que cresce á sombra do rozal, ou romper em mil rebentos virentes nos ramos nodosos do carvalho gigante, é assistir a um misterio tão incomprehensivel e ao mesmo tempo tão bello, que ninguém pôde deixar de adorar nelle o creador. A união intima que prende todos os phenomenos da natureza, o modo porque elles se modificam e harmonisam uns pelos outros, é materia para graves estudos, que deleitam e enobrecem a alma: para fazer porém esses estudos, os mais elevados de quantos o homem se pôde abalancar a emprehender, não é necessario observar o curso dos astros, nem as tempestades do oceano, basta contemplar a planta rasteira que nasce entre os penedos aridos, ou na relva fresca dos jardins. Na sua grandeza como na sua humildade a natureza é igualmente sublime.

O homem hoje pôde ir além da contemplação no que respeita ás flores, e mesmo aos animaes; pôde, pela força da sua vontade, pelo poder da sua sciên-

cia, modificar a natureza intima dos entes organisados, fazer-lhe variar o aspecto, transformar-lhe a fisionomia, enriquecer-lhe a belleza. A planta conduzida do campo, onde é simples e desadornada, para os jardins, dobra as suas petalas, adquire novas côres, e toma o garbo airoso e aristocratico, que é um dos encantos das bellezas que são as flores das salas, como as pobres flores se tornaram os diamantes e as perolas dos jardins perfumados.

A jardinagem, ao principio pequena, limitada em estreitas proporções e desattendida pelos homens instruidos, tem agora uma esfera larga em que ostenta o seu valôr real, é querida e estudada pelas nações civilisadas, é um luxo em Inglaterra, uma sciencia na França, uma paixão na Hollanda, uma arte na Italia.

A jardinagem é mais do que isto ainda, é um objecto importante de commercio; isto é, um manancial de trabalho e de salarios para muita familia pobre, o pão de grande numero de desgraçados, o alivio para grandes padecimentos. Genova e a Toscana exportam já dos seus jardins, productos no valôr de muitos milhões, e este commercio sustenta centenas de familias. Ao lado desta, nasceu outra industria tão bella como a primeira, e quasi igualmente lucrativa; é uma industria que bem merece o nome de arte, porque o gosto é o seu elemento principal: colher as flores, combinal-as em ramilhetes engraçados, harmonisar as suas côres, combinar os seus perfumes é o fim desta arte deliciosa. Em Genova ella tem chegado a tão grande perfeição, é tal o gosto e o estudo com que as rozas, os cravos, as dhalias, os rainunculos, as tulipas, são alli tecidas, entrançadas, combinadas umas com outras, que os ramilhetes formados pelas mãos experientes destes artistas de uma nova arte se assemelham aos deliciosos tapetes de Smyrna, são ricos estofos vegetaes, veludos que recendem perfumes, mosaicos vivos que semelham obra de fadas.

A bella e simples flôr symbolica, o *amor perfeito*, — a que em muitas outras linguas se dá o nome igualmente expressivo, mas menos poetico, de *pensamento*, — é das que tem sido mais profundamente metamorphoseadas pelos cuidados dos jardineiros, e dos apaixonados de flôres. Não ha ainda um grande numero de annos que esta flôr era apenas attendida nos jardins, e que o nome só lhe merecia a honra de tomar logar entre as suas soberbas irmãs: agora porém o seu logar pertence-lhe de direito, conquistou-o pela formosura.

Tão grande mudança foi produzida pelos cruzamentos de duas especies, feitos com sagacidade e paciencia; a especie dos *amores perfeitos* ordinarios ou de tres côres (*viola tricolor*) e a dos *amores perfeitos* dos montes Altai (*viola altaica*).

O *amor perfeito* é formado de cinco petalas desiguaes, duas superiores mais largas, duas lateraes, e uma inferior. O ponto em que se reúnem estas petala-

las e que constitue o centro da flôr, tem a forma aproximada de um triangulo, e é constantemente corado de amarello mais ou menos carregado. A côr das petalas, ou é uma e unica, violeta purpurino ou violeta azulado, vermelho carregado, azul escuro, azul celeste, azul claro, verde azeitonado, amarello vivo, escuro, palido, &c.; ou se apresenta raiada, salpicada, orlada de côres mais claras. Umas vezes as duas petalas superiores teem uma côr propria, que se prolonga pelos bordos das duas petalas lateraes e da inferior; outras vezes, mas raras, esta côr desenha figura fantasticas e misteriosas; outras vae-se perdendo pouco a pouco na côr das outras petalas; n'outras em fim podem notar-se flâmulas, raios, pontos, manchas, linhas transversaes que dão á flôr um aspecto curioso.

Os caracteres que constituem a belleza do amor perfeito, e que foram obtidos successivamente á custa de cuidados sem numero, são os seguintes:

Forma arredondada e plana; isto é, as petalas cobrindo-se umas ás outras pelos bordos, sem deixarem espaço vazio entre si; de modo que o todo se aproxime o mais possivel da forma circular; accrescendo a isto, que a flôr não apresenta curvas, nem dobras na sua superficie:

Belleza e elegancia no colorido; quer dizer, uma certa simetria harmonica, e regularidade nos desenhos e disposição das côres:

Pureza e persistencia de côres, de modo que cada uma se conserve bem definida e caracterisada durante todo o periodo da floração:

Grandeza da flôr. Esta propriedade não é tida em muita conta por alguns amadores, que lhe preferem a perfeição do colorido: outros porém consideram-na como a principal, ou pelo menos a põem ao par das outras, a nosso vêr com razão.

A disposição da flôr sobre o pedunculo é muito attendivel: para a flôr ser inteiramente bella deve separar-se da folhagem e conservar-se elegante e firme sobre um pé vigoroso.

O amor perfeito tricolor começou a ser cultivado em Inglaterra no principio deste seculo; mas só em 1808 é que teve entrada nos jardins o amor perfeito de Altai que, cruzando-se com o primeiro, deu origem a essas formosas variedades, que hoje fazem o encanto dos horticultores.

O amor perfeito tricolor já era muito estimado, e tinha attingido grande perfeição antes do feliz cruzamento; formaram-se na Inglaterra grandes collecções,

sendo uma das mais notaveis a de lady Ledelay, que obteve uma reputação europea. Os aperfeiçoamentos desta especie foram pela maior parte devidos aos cuidados do celebre Lee: a descoberta dos amores perfeitos hybridos veio lançar na obscuridade as mais bellas variedades da especie primitiva. Hoje só estes prendem a attenção dos amadores de jardinagem, e teem logar nas collecções dos mais celebres floristas.

Em Portugal estas variedades são desgraçadamente pouco conhecidas; o amor perfeito na sua simplicidade quasi selvagem occupa ainda logar distincto em muitos jardins. É com tudo de esperar que breve os seus soberbos rivaes o expulsarão de toda a parte, como o teem expulso já de alguns jardins mais *fashionables*.

OS CAMPOS DE ROZAS NA INDIA.

HA na India um paiz de uma fertilidade excessiva, rico em searas. abundante em pastagens, delicioso pela profusão de fructas dos seus pomares, celebre em todas aquellas regiões pela pureza do ar; mas sobre tudo admirado pela extensão e formosura dos seus jardins de rozas.

Na nova viagem ingleza á India, publicada ha pouco, expressa-se o viajante a respeito destes deliciosos jardins, dos seus encantos, e da sua utilidade do seguinte modo. «Os campos de rozas, diz elle, que occupam muitos centenares de geiras nas vizinhanças, são pintados como sendo, na estação propria, de uma belleza singular. São cultivados para a distillação, e para a fabricação do attar. A agua de rozas é ao mesmo tempo boa e barata aqui. O preço de uma porção que peza duas libras, da melhor, é apenas de um *shilling*. O attar obtem-se depois de fabricada a agua de rozas, pondo esta ao ar durante a noite até ao nascer do sol, em grandes vasos abertos, e escumando depois o olio essencial que sobrenada. A agua de rozas assim escumada tem um mais baixo preço do que a que conserva todo o crème. Para produzir o pezo de uma *rupia* (moeda indianna) de attar são necessarias 200:000 rozas das mais grádas. O preço do attar mesmo no paiz é extravagante, custando o pezo de uma *rupia* no bazaar (onde já muitas vezes está adulterado) 80 *sicca rupias*; nas cazas de commercio inglezas, onde se encontra genuino, custa 100 *sicca rupias*, ou 10 libras sterlinas.»

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A ARTE ornava os sepulchros dos antigos, como a piedade hoje abriga os tumulos dos christãos: a fôrma para elles era uma divindade, para nós a eternidade do espirito é uma crença. Nós escondemos os restos dos nossos, que morreram, á sombra do cipreste, no ermo dos cemiterios, guardados pela cruz: elles, punham-nos em tumulos de pedra, ornados de quanto a arte produzia de mais bello, na via publica para que todos os vissem. Os nossos tumulos impressionam pelo respeito, os delles pela admiração: n'uns encontra-se a fé modesta mas sublime, nos outros a ostentação e a magnificencia.

Roma, a cidade eterna, tinha as suas *vias*, magnificamente ornadas com os mausoléos grandiosos das mais nobres familias, onde se accumulavam os thesouros da arte: as *vias* Aurelia, Appia, Latina, Prænestina, &c., eram bordadas de um e outro lado dos soberbos monumentos; a via Flaminia sobre tudo causava a admiração de quantos tinham a ventura de cruzar as portas da cidade conquistadora do mundo antigo.

Quando em 1675 se trabalhava em abrir de novo esta *via* Flaminia, os trabalhadores ao escavarem o solo, tiraram d'elle um som, que semelhava a ressonancia de casa subterranea, cheios de curiosidade, buscaram penetrar este segredo, e deram com um tumulo, o mais bello de quantos até alli se tinham descoberto em Roma.

Este tumulo tinha dentro quarenta palmos de comprido, sobre vinte de largo, as paredes eram ornadas de excellentes pinturas, a architectura elegante e rica: duas *arcas* sepulchraes ou *sarcófagos* de marmore tiburtino, do comprimento do corpo humano, continham os restos daquelles em memoria de quem se edificára o monumento.

Pela belleza das pinturas, os relevos dos marmores, a profusão dos ornatos, este tumulo se deveria antes chamar Museu: não ha nelle nem os horrores nem a severidade, que cercam a morte, mas a graça e os louros de um monumento de gloria. E assim seria julgado por todos a não serem os sarcófagos: parece antes um templo ale-

vantado ao genio de Ovidio, do que uma funebre sepultura.

À entrada acha-se um quadro, representando o poeta Ovidio repetindo os seus versos amorosos a Mercurio, que o escuta attento: o poeta tem ao lado encostada á lira a sua muza estimada a terna Erato.

Uma inscripção aberta n'uma pedra do chão, e o quadro de que já fallámos, assim como muitos outros indícios, levam a crer, que este tumulo pertencia á familia de Ovidio.

A estampa que damos é a copia de um dos quadros que ornarn as paredes interiores do tumulo. Representa um mancebo encontrando nos Elisios a virgem, a quem na terra tinha dado o coração.

Atraz do mancebo veem-se duas figuras, de que uma que é de mulher, mal cuberta com um *pallio* vermelho, tem na mão a *patina*, contendo as iguarias destinadas a aplacar a ira dos Deuses.

A pureza das formas, a expressão e viveza do gesto, a severidade da composição, dão a este quadro um grande valor, e tornam-o digno do estudo das pessoas que amam o bello, e respeitam a arte.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IV.

Vira-se o feitiço contra o feiteiro.

(Continuado do n.º 4.)

Deixámos o judeu a cahir nas mãos da gentilha, e em termos de pagar com a sua humilde pessoa o holocausto do Homem-Deus, commettido mil e duzentos annos antes no Gólgtha pelos seus nobres antepassados, os pharizeus e scribas de hypocrita memoria. Sabemos, que o nosso Armeiro não podia já com o povo, e que a correção dos noventa açoutes estava por um instante a tomar as proporções de um mergulho, ou baptismo crú, na onda nada limpida do Mondego. E justamente, ao dar-se este grande *casus foederis*, dissemos ao amavel leitor, que vinha descendo já a ladeira para a praça, a valente milicia do concelho, trazendo na testa, a repolhuda e rutilante figura do Porteiro da cidade, o Sr. Sueiro Gundes, gordo como Vitelio, e parvo como os maiores parvos, que a Providencia deixa vegetar neste mundo em virtude da admiravel regra das compensações.

Agora leitor amigo, vamos vêr o mais que succedeu.

O Porteiro e a sua escolta fizeram roda em volta do pelourinho. Sueiro Gundes, gnomio na estatura, abaulado, nariz chanfrado, e olhos suinos, trepou a uma escada proxima, e de lá fez signal de que ia arengar ao povo. A multidão correspondeu-lhe com gargalhadas e assobios.

E' que, fóra da opinião dos alvasis, o Porteiro Gundes, tinha a bem merecida reputação de ser o mais crasso e estúpido animal de Coimbra, com costella de mouro ainda por cima.

— «Burguezes e homens villãos...» principiou o orador. «Him! grunhiram os rapazes, imitando o aspero falsete do Demosthenes municipal.» Him! «fóra o marrão!»

Era a alcunha do eloquente Sueiro.

— «Meus amigos...» continuou este.

— «Adiante!» gritou um galliote, e o povo todo com elle.

O funcionario palreiro esgazeou os olhos, lambceu os beiços, e espalmou as mãos, proseguindo:

— «Em nome dos alvasis soceguem. Não tolham a sahida do honrado thesoureiro del-rei; senão justiça e exemplo será feito... ai!»

Um repolho, ou outro qualquer projectil agricola, disparado de mão certa, batendo na roliça cara da gralha de Almedina, poz em fugida todo o discurso enchendo-lhe a bocca de dentes. Ao mesmo tempo a cholera, de que a brutal interpellção do repolho era annuncio, converteu-se em longa e stridente gargalhada. Por cima do pulpito de Sueiro Gundes, e quasi a prumo sobre a cabeça do facundo sub-magistrado, um gaiato de doze annos, enrolado no albornoz de D. Zuleima, acabava de depôr solemnemente na fronte do orador a touca do judeu ornada de duas cristas vermelhas largas como leques.

Era o que hoje chamariamos allusão pessoal ao parentesco pharisaico de mestre Gundes com os judeus. Atturdido da pancada, e fulminado pela coroação em plena praça, o prégador municipal fez-se roxo, passou de roxo a fullo, e desceo precipitadamente ao som das apupadas.

Apenas se viu no meio dos seus bésteiros, Sueiro Gundes, affogado em raiva, em gordura, e em suor, ordenou-lhes que logo, logo, varressem o terreiro daquella villanagem. Isto era facilimo de dizer, mas muito arriscado de executar. Uns encurvaram os arcos, outros menearam as ascumas, mas o legitimo receio de sahir dalli sem orelhas, se passasse pela cabeça dos amotinados recorrer á força bruta, estacava todos. Entre os bésteiros e os populares tinha-se travado já um tiroteio de chascos e injurias. Um dos couteiros, rindo, destacou-se do tropel e apontando para o Adail do troço, gritou:

— «Não pegues assim no arco homem, olha o vento por onde corre. Queres mandar o virote dê presente ás ameias da torre? Outro officio, velho!»

— «Se não beberes melhor a tua vez de vinho, do

que jogas a ascuma, Eriz, bradava um galliote — nunca passas d'agua fria.»

— «Andar, bêteiros!» exclamava o enfurecido Sueiro Gundes.

— «Pum! uppa! berrava a rapazia saltando e pulando diante delle em toda a insolencia do typo-garoto.

— «Foge saveleiro — gritava um do povo a outro — que ali vem o cavalleiro conego!»

— «Morra San Mafamede!» rugiram velhos, creanças, e homens.

Uma especie de truhão popular, a curta distancia do illustre Sueiro desafiava as suas iras.

— «Sua mercê já viu a cara aos mouros?» — perguntava elle.

— «Mouros são, e mouros vão!» cantarolavam as moças do mercado.

— «Bêteiros, adiante!» gaguejou o triste submagistrado tartamudo de cholera.

— «Sanctiagio cêrra!» bradaram alguns da gentilha às risadas.

— «Viva o Cid!» disseram outros.

— «Viva o nosso Porteiro Gundes e sua avó a moura Zára!»

— «Sua mercê parte para a guerra.»

— «A cavallo no cão do Mordomo.»

— «Guapo cavalleiro!...»

— «Bello corsel!...»

Era um desaforado escarneo, capaz de endoudecer a quem estivesse no caso de endoudecer. Mestre Sueiro não endoudeceu — porque nunca tivera juizo, mas esbravejava, tremia de medo e de raiva, fazia-se de mil côres, e daria tudo para se vêr dalli cem leguas.

O populacho ria, apinhava-se em redor dos bêteiros, batia as palmas, e assulava o Porteiro do concelho.

— «Pum!»

— «O judeu ao rio!» gritou uma voz. — Ao rio, mata! clamaram todos.

— «O judeu e o Porteiro.»

Não se faça marralheiro.

— «Mata o marrão! Him, him!»

E as turbas investiram com os bêteiros, que desordenadamente recuavam tanto, quanto os contrarios avançavam. Pero Britador viu bem, que o combate a travar-se, e os bêteiros em derrota, era tudo obra de dois minutos; e com o seu juizo grosso e claro avaliou as consequencias da victoria popular; por isso, do alto do pelourinho municipal, aonde estava, disse em grande brado:

— «O' da forja da Portagem, aqui! Galliotes de S. Cucufate, a mim!»

— «Arraia miuda de D. Vetaça, casca pelo nosso alfageme!» — exclamou o falsete da Cigarra bellicosa, que aos pulos, saltava em redor dos bêteiros, e de mestre Pero.

No meio da maciça mó de populares abriram-se

dois claros. Os ferreiros, alguns galliotes, e os moços do monte rompiam, distribuindo alentados golpes á direita e á esquerda.

— «Morram os traidores!»

— «Enforque-se Judas!»

— «Queres os trinta dinheiros?»

A tempestade cahia agora sobre o armeiro, que respondeu:

— «Chó, canzoada! Fóra villanagem, ou vae lá o malho grande.»

— «A elles, a elles!» vociferava o populacho.

— «Abaixo a rusga! Casca nas alforrecas, e viva a arraia miuda!» — gritava a Cégarrega da Portagem.

— «Mata o corcovado! Fóra o enguiço! Morra!»

E a multidão arremettia de tropel, revolvendo-se com estrondosas pragas. O ferreiro, e os bêteiros não arredaram pé, esperando o encontro. A sua firmeza paralisou a gentilha um instante. No meio desta especie de tregua uma pedra feriu lume na columna da picota, a que ainda se encostava o alfageme.

— «O teu arco Fromariz» — bradou este ao bêteiro mais visinho. — O teu arco. A mão, que atirou esta não atira outra.»

E retezando a corda, elevou o arco, mirou um instante, e um gemido agudo quasi que se unio com o silvar da frecha, despedida. Um corpo rolou no chão, duas mãos convulsas arranharam a terra, e o sussurrar dos murmurios zumbio ao longe. Muitos principiam logo a retirar.

— «Voltem cá, filhos, andem!» dizia o Armeiro encostando-se ao arco desarmado.

Aquella serenidade conteve um momento a plebe; mas d'ahi a pouco, ardendo em furia, estalando mil gritos a um tempo, atirou-se como fêra aos inimigos e uma lucta cêga, fêrvida, e tremenda, braço a braço, peito a peito, rompeu entre ella e os bêteiros. O alfageme distinguia-se, pela estatura de Hercules, descarregando a acha d'armas ás duas mãos.

O resultado todavia não podia ser duvidoso. Se em meia hora o não soccorressem, o Armeiro e os seus, eram esmagados debaixo dos tropeis do povo, que a cada instante cresciam sobre elle impetuosos e terriveis.

Acima do ruido da peleja, do vociferar dos combatentes, e da açougaria das turbas, uma boa oitava, uivou em tiple desesperado a voz do honrado Sueiro Gundes.

— «Soccorro! Ahi vem soccorro! Cêrra, cêrra!»

O Deus Marte não era o predilecto do nosso Porteiro — as graças pacificas de Minerva apraziam-lhe mais. — Por isso apenas se feriu a peleja subiu os degraus, marinhou pelo troço de pedra, e metteu-se dentro da gaiola do pelourinho; espreitando desta guarita da ignominia, as eventualidades da batalha. As setas e as pedras voavam assobiando por cima da sua cabeça; e mestre Sociro agachava-se, gemia, e como a ostra, não se arriscava a abrir a casca senão de-

pois de razoavel espaço. Deste observatorio é que avis-tára o socorro, e de lá, ainda, é que proclamára aos defensores da Lei, como o proconsul do balcão do seu palacio.

Caminho da alcaçova para Almedina soava já perto o gallope de muitos cavallos. Todos olhavam. D'ahi a pouco, dobrada uma quina, descobriu-se a cavallada. O sol batia de chapa no capello brunido e na malha luzenta do cavalleiro, que a puxava, scintilando nas lanças apumadas dos homens-d'armas.

— «Fujam, fujam!... Morra Judas, viva Mafoma!...»

Soltando estes gritos a gentilha retirava-se á pressa. Dois minutos depois o terreiro e as ruas contiguas estavam limpas de povo, e o pendão de Gomes Lourenço, alferes e collão de Afonso II, esvoaçava na praça. Da sella do seu fogueiro corseol o cavalleiro-moço ouvia a historia do motim contada pelo Armeiro, interpolada por Sueiro Gundes, que não podendo ser Achilles queria ser Homero, e glozada pelos suspiros e ais do virtuoso D. Zuleima.

O mancebo encerrou as discussões por uma sentença, digna da cabelleira de Salomão.

— «D. Zuleima, meu amigo, ide para a vossa terra, e deixar cantar o povo, que elle chorará. Em tornando el-rei, por Deus! que esta villanagem terá ensino. — E tu meu Armeiro de não sei que diga vai pulir arnezes, temperar montantes, e nunca mais faças justiça por tuas mãos, homem... é muito cara, bem vês.»

— «De graça a tinha a gente... mas «quem eu quero não me quer.» Com seu pão se ló coman — que eu cá «por minha lei e minha grei,» Sr. D. Gomes não torno a mecher na palha.»

— «Bem dito, alflageme!... Guarda-te para cedo... que havemos de precisar de homens com tu, e dos teus capellos e das tuas ascumas, também, meu ferreiro.»

— «Cedo nos traga Deus quem dê e leve, — esta calmaria é que não presta.»

— «Cedo, cedo verás. Adeus D. Zuleima, á sombra, uns dias; tomaí o meu conselho.»

E, dando de esporas ao ginete, deitou a bom trotar direito á ponte com os seus homens-d'armas. Já se vê, que o socorro fôra casual.

— «Dizei cá, D. Estevinho, perguntou o Armeiro, segurando um pagem — que má vespa ferrou em vosso amo, que tão affrontado corre?»

— «Elle que to diga alflageme» redarguiu alto o mancebo, e inclinando-se do cavallo com disfarce, murmurou ao ouvido do Armeiro umas palavras, que também foram escutadas pelo judeu.

— «Nossa Senhora de Almedina nos acuda! — exclamou o ferreiro benzendo-se.

— «O christão... perdeu o sizo! rosnou alto o mestre thesoureiro. E D. Egas, o irmão de D. Gomes?!

— «Foi com el-rei para Monte-mór. Adeus.»

E o pagem partiu a gallope no alcance da sua gente.

O alflageme, coçava a nuca, e ás olhadellas ao judeu sysmava, e resmungava, em evidente hesitação; por fim resolveu-se, e assentando com força a larga e callosa mão no hombro de mestre Zacharias, que deu um salto de susto, e um grito de dôr, disse:

— «D. Zuleima queres guerra, ou queres paz? Amigo, ou inimigo?»

— «Amigo!» atalhou logo o judeu supplicante, que só agora apreciava o valor da benevolencia de mestre Pero.

— «Então para cá o meu fôro, as minhas terras, e tudo o que me pilhou, entende?... Senão o dito, dito.»

— «Contai com tudo, ou Deus me não valha mais.»

— «E no S. João, que vem, ouviu?»

— «No S. João será.»

Perfeitamente reconciliados por este pacto, o ferreiro e o judeu, hombro com hombro, pozeram-se a caminho para o sitio da forja. «O nazareno vai deitar-se a perder... não escapa!» rosnava D. Zuleima.

— «Quem, D. Gomes Lourenço!?! Devo-lhe estes ossos hoje, e não quero ficar atraz!... Deus dará remedio. Vou eu a Monte-mór.»

— «E eu também.» — acudiu o thesoureiro.

— «Vós!... muito amigo sois de D. Gomes.»

— «Oh, muito — redarguiu o judeu em ingenuidade — deve-me cem maravedis.

(Continua.)

POESIA.

INDIANAS!

I.

VASCO DA GAMA!

Oh! combien de marins combien de capitaines
Qui sont partis joyeux pour des courses lointaines
Dans ce morne horizon se sont évanouis.

V. Hugo.

Foi-se a tempera dos peitos
Dos portuguezes leões;
Que eu não sei de que eram feitos
Seus robustos corações!

No turbilhão da matança
A ponta da adversa lança
Era quem abria a herança
Dos seus gigantes braços!

Foi-lhes nas faces graval-os
A cimitarra sem dó;
E, tão fundo, que apagal-os
Nunca poudo o sangue e o pó!
E eram todos pela frente;
E cada um d'elles, potente,
Pelos heroes do Occidente
Ao mundo fallava, só!

Se algum cahia por terra
Sob a immensa turba vil;
Dava-lhe as honras da guerra
O proprio mouro anaíl.

Eram-lhes feras mortallas
D'Ormuz e Diu as muralhas,
Nas homericas batalhas
De quarenta contra mil!

Dai lugar, nações absortas
Dai-nos o nosso lugar:
Vai abrir do Oriente as portas
O capitão d'alem-mar!

Esse feito audaz, que inflama,
Foi preciso, á nossa fama,
Para commettel-o um Gama,
E um Camões para o cantar!

Mas o vulto venerando
Quem o póde ir hoje erguer?
Era Solon meditando,
Era Ajax a combater.

Não cança o braço possante;
Ganha um mundo, marcha avante,
E vae, depois, como Atlante,
O mesmo mundo suster!

Apesar de salpicado
Pelo sangrento matiz,
Traz o saio arregaçado
Trasbordando de rubis.

Ao seu rei leva contente
Estas flores do Oriente,
Despregadas ao crescente
Da c'roa dos Zhamoris!

Quando a juba sacudia
O Leão occidental,
Goa arfava, Adhem tremia
No seu leito de cristal.

Heroe, n'um gesto grandioso
Do teu braço glorioso,
Chamáste um rei venturoso;
Fizeste um povo immortal!

Só — de pé — na posse altiva
Do teu nobre galeão
Sóltas á briza lasciva
O portuguez pavilhão.

E's monarcha d'esses mares,
E, senhores dos Índios lares,
Tomas posse dos palmares
Do Sabayo e do Hydhalcão!

Entre as dobras da bandeira,
Pendente do mastaréu,
Involta a figura inteira,
Como em novo, regio véu,

Os castellos constellados
Revistas, como soldados
Pela costa perfilados,
Pés no mar, fronte no céu!

Cabe o Naire subjugado,
Com assombro dos rivaes,
A primeira vez prostrado
Sobre a terra de seus paes!...

Não o impede força ou traça;
Verga o collo á crua raça,
Já nas pedras de Mombaça,
Já no ferro dos Çaimaes.

No elephante aprisionado,
Sobre um throno de marfim
Ao seu rei manda apressado
O Malayo e o Canarim.

De Cambaya nos pavêzes
Crava a lança; e, muitas vezes,
De Calecut nos arnêzes
Mede as pareas de Cochim.

Foste aos cryptos monstruosos
Dos Brahmanes e dos reis
Apoz dias sanguinosos
Para os guerreiros fieis

Procurar a sepultura...
Não encontra; em vão procura:
Não lhes davam a estatura
Nem as Indicas Babeis.

Mas os Encélados novos
Não podem ficar allí:
Vences povos sobre povos
Até dizeres: — aqui!

No espaço não te constanges;
Dás ás prostradas phalanges
Por campá, o leito do Ganges;
Por lousa, os serros d'Ehli!

Impões, por Deus, aos vencidos
Do teu gladio a ferrea cruz;
Se elles indagam, tranzidos,
« D'onde vens? Quem te conduz? »

Logo a replica te occorre:
« Só o Sol meu berço corre
Minha patria nasce e morre
Onde morre e nasce a luz! »

D'esses oceanos athleta,
Venceste até no louvor;
Poude a penna do poeta
Mais que o ferro do esculptor!

Em vão, porque o Athos dóme,
Alexandre se consome;
Mas Camões gravou teu nome
Na face do Adamastor!

MEENDES LEAL.